

A COMPREENSÃO DE JOVENS ESTUDANTES ACERCA DAS FONTES HISTÓRICAS NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO ESCOLAR

Luana Zucoloto Mattos Moreira¹

Ana Cláudia Urban²

A pesquisa intitulada “A compreensão de jovens estudantes acerca das fontes históricas na produção do conhecimento histórico escolar” se encontra em fase inicial e a proposta é fruto, primeiramente, de inquietações que a prática docente vem suscitando há algum tempo em nossa trajetória profissional juntamente com as reflexões realizadas em conjunto com as/os colegas e as/os professores do Mestrado Profissional em Ensino de História (UFPR).

Possui por temática principal a compreensão do modo através do qual jovens estudantes do sexto ano – Etapas Finais do Ensino Fundamental- são impactados pela utilização das fontes históricas. Como esses estudantes se utilizam das fontes históricas para produzir suas argumentações? Qual tipologia elegem como mais digna de crédito? Percebem-na como prova, como pista, como evidência? Interpretam ou reproduzem as informações ali presentes? Que significado as/os estudantes atribuem às fontes? Utilizam a imaginação para preencher as lacunas e produzir inferências? São as problemáticas principais que norteiam a pesquisa.

Assim, dialogando com o campo da Educação Histórica, cuja produção de pesquisas acerca dos processos de aprendizagem em História de jovens estudantes se desenvolve desde a década de setenta e com apoio em conceitos como cognição histórica situada e aprendizagem histórica, buscamos analisar de que maneira se constrói o conhecimento histórico das/dos estudantes: Entender como as/os estudantes aprendem para que então perspectivemos maneiras de ensinar é um dos objetivos do trabalho proposto.

A justificativa para a pesquisa baseia-se na constatação, percebida em nossa prática cotidiana docente, das dificuldades relativas a como proceder na utilização das fontes em sala de aula e, além disso, da presença do dogmatismo e da ênfase nas “decóreas” e cópias de conteúdos no ensino de História. Apesar dessa sugestão advinda de nossa prática profissional docente não ter sido pesquisada por nós, existem autores que a fizeram como, por exemplo,

¹ Licenciada em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (2007) e, atualmente, mestranda do programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (Universidade Federal do Paraná). Contato: luahzul@hotmail.com

² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Professora do Departamento de Educação da Universidade Federal do Paraná. Contato: claudiaurban@uol.com.br

Schmidt e Braga (2003). As autoras afirmam que as pesquisas em manuais destinados a docente indicam que não tem havido a incorporação da metodologia da produção do conhecimento histórico nas aulas de História.

Sendo que, partimos do pressuposto e da premissa de que é fundamental a utilização das fontes históricas para a construção do conhecimento histórico que se pretenda não dogmático. Pois, o uso das fontes históricas é parte fundamental do método de ensino da História posto que tal método também é inerente à sua ciência de referência, a História (SCHMIDT, 2009). Aqui fazemos menção ao conceito de cognição histórica situada: os métodos de se ensinar História devem ser os mesmos de sua ciência de referência, pois “ao ocultar a metodologia se oculta também a historicidade da ciência e a História se converte em dogma” (ZARAGOSA apud SCHMIDT E BRAGA, 2003, p.224).

Rüsen (2010) afirma que o ensino de História encontra uma zona fértil na escola e nesse espaço o método específico da História deve encontrar local privilegiado. Não nega a intervenção positiva das ciências da educação, porém chama a atenção para o seguinte fato: “se não quisermos que, na apresentação de temas e épocas se conceba a falsa ideia da história como fato “fixo”, então se deve mencionar as perspectivas globais de interpretação da História que acontecem sobre a base documental” (RÜSEN, 2010, p.124).

Nesse sentido o autor destaca que a apresentação de documentos e o estímulo à interpretação podem prevalecer sobre o elemento dos textos de autores, encontrados nos livros didáticos, por exemplo, de modo que as/os estudantes possam elaborar sua própria exposição com o material disponível. O livro didático teria a função de possibilitar a averiguação das interpretações. “(...) Ou melhor, mediante a própria interpretação, estabelecer contextos históricos com base na documentação dada (junto à exposição de autores concretos ou complementares a ela)” (RÜSEN, 2010, p.118). Ele ainda chama a atenção para o seguinte: o conhecimento histórico não pode ser aprendido simplesmente pela recepção, pois isso impede a habilidade de dar significado à história e orientar-se a si mesmo de acordo com a experiência histórica, o que para esse autor é uma função primordial da aprendizagem histórica.

Assim, é necessário que as/os estudantes compreendam o processo de produção do conhecimento histórico, sendo eles mesmo autor do seu conhecimento para que perceba o quanto a história e a produção de um conhecimento acerca do passado podem estar próximas de seu cotidiano.

Para Ashby (2006), o desenvolvimento do conceito de evidência deve ser o objetivo principal do ensino de História. Sendo que, é indispensável e fundamental que professores e

estudantes tenham claro que fonte e evidência não são sinônimos. Por fontes pode-se entender os vestígios e pistas gerais do passado, já as evidências são encontradas nas fontes como possível validação para questões específicas que se dirigem a elas por nós. Assim sendo, para cada tipo de afirmação histórica um determinado tipo e/ou conjunto específico de fontes é procurado para tornar válida tal afirmação.

Peter Lee (2001), assim como Ashby (2006), também afirma sobre a imprescindível compreensão que as/os estudantes devem ter assumindo esses testemunhos não como meras informações, mas sim como um “local”, podemos assim dizer, de onde podemos retirar respostas a questões problemáticas enunciadas por nós. Dessa maneira, para Lee, quando as/os estudantes compreenderem esses vestígios do passado como evidência “a História se alicerça razoavelmente nas mentes dos alunos enquanto atividade com algumas hipóteses de sucesso” (LEE, 2001, p. 23).

Mas, segundo Germinari (2011), o surgimento das pesquisas no campo da Educação Histórica, tendo por fundamento e base teórica as ideias de Jörn Rüsen, há uma tentativa de se recuperar essa referência epistemológica. Nesse campo, se destaca, por exemplo, os estudos que objetivam compreender as ideias substantivas e as ideias de segunda ordem das/dos estudantes, pois se tais ideias estiverem erradas não será possível a construção do conhecimento histórico, já que elas se manterão erradas caso ninguém intervenha. O autor explica que

(...) nessa perspectiva o progresso na aprendizagem histórica passa pela reflexão de como aliar a compreensão histórica (conceitos de segunda ordem) ao saber substantivo do passado. Para que essa relação aconteça, segundo Lee (2006) é necessário uma noção aplicável de literária histórica. Esse conceito refere-se ao conjunto de competências de interpretação e compreensão do passado que permite ler historicamente o mundo (GERMINARI, 2011, p.59).

Por isso, Germinari (2011) afirma que estudos na área de Educação Histórica abarcam a compreensão de alguns saberes a serem desenvolvidos de forma cada vez mais complexa pelos e pelas estudantes tais como: saber ler diferentes fontes históricas; saber selecionar fontes para refutação ou confirmação de hipóteses; saber levantar novas hipóteses.

É dessa forma que seria possível aos estudantes manter relação viável e significativa entre “saber que” e “saber como”, ou seja, compreender que para saber algo é necessário saber como chegar até esse conhecimento: “somente um “saber como” pode fornecer o “direito de ter certeza” porque é a única base válida para afirmações ao “saber que”” (ROGERS, 1978 apud ASHBY, 2006. p. 153). Ou seja, para que os estudantes saibam algo sobre o passado e para que produzam conhecimento histórico sobre o passado, é *mister* que eles saibam como esse conhecimento se produz.

Como afirma Cainelli (2015), a Educação Histórica tem objetivos relacionados à otimização do ensino de História e por esse motivo se dedica a investigar os sujeitos estudantes e a aprendizagem deles assim como as e os professores e o modo como tais sujeitos entendem a História em suas representações e ideias. Somando a isso, segundo as reflexões da autora, há um objetivo político nesse campo investigativo: o processo de ensino-aprendizagem que leve em consideração o uso de metodologias de pesquisa referenciado na cognição histórica situada pode propiciar às/aos estudantes maiores possibilidades de construir a literacia, ou seja, as competências capazes de fazê-los interpretar a realidade historicamente. É nesse contexto, portando, que nosso objeto de pesquisa se insere.

REFERÊNCIAS

ASHBY, Rosalyn. *Desenvolvendo um conceito de evidência histórica: as ideias dos estudantes sobre testar afirmações factuais singulares*. Educar: Curitiba. Especial. Editora UFPR, 2006.

CAINELLI, Marlene e RAMOS, Márcia. *Educação Histórica como campo investigativo*. Diálogos (Maringá On-line). Vol. 19. N 01. Jan/abril, 2015. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/viewFile/33801/pdf>.

Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/239>.

GERMINARI, Geysa. *Educação Histórica: A constituição de um campo de pesquisa*. Revista Histedbr On-line, Campinas, n. 42. jun. 2011. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/42/art04_42.pdf

LEE, Peter. “*Nós fabricamos carros, eles tinham que andar a pé*”: compreensão das pessoas do passado. In: BARCA, Isabel (org.). *Actas das Segundas Jornadas Internacionais em Educação Histórica*. Universidade do Minho, 2001.

RÜSEN, J. O livro didático ideal. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel e MARTINS, Estevão (Org.). *Jörn Rüsen e o ensino de História*. Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora e BRAGA, Tânia. O trabalho histórico na sala de aula. In: *História e Ensino*. Londrina, v 09, p. 219-238, out. 2003. Disponível em: www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/view/12086/106229

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. *Cognição histórica situada: que aprendizagem histórica é essa?*In: ANPUH- XXV. Simpósio Nacional de História, Fortaleza, 2009. Disponível em: <https://anais.anpuh.org/?p=17085>

